

**IMAGENS E FAMÍLIA: UMA REFLEXÃO BASEADA NAS OBRAS DE RUBEM ALVES**  
**IMAGES AND FAMILY: A REFLECTION BASED ON RUBEM ALVES' WORKS**  
**IMÁGENES Y FAMILIA: UNA REFLEXIÓN CON BASE**  
**EN LAS OBRAS DE RUBEM ALVES**

*Maria Angélica Pagliarini Waidman\**

*Ingrid Elsen\*\**

\* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Membro do NEPAAF (núcleo de estudos, pesquisa, assistência e apoio à família)

\*\* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da UNIVALI – Itajaí

---

**RESUMO.** O presente estudo visa refletir sobre imagens e família, inspirado nas obras e pensamentos de Rubem Alves. É desenvolvido a partir de reflexões e discussões que transitam entre as idéias do filósofo e as nossas imagens sobre sua obra, aliadas à nossa experiência profissional e de vida. Ao desenvolvê-lo, foram estabelecidas aproximações dos eixos centrais da obra de Rubem Alves, associando-as ao mundo imaginal de famílias e profissionais que delas cuidam, conduzindo à reflexão sobre nossa prática de cuidar de famílias.

**PALAVRAS-CHAVE:** família; imagens; filosofia em saúde.

**ABSTRACT.** The present study seeks to reflect about images and family inspired in the works and of Rubem's Alves thoughts. It is developed starting from reflections and discussions between the philosopher's ideas and our images and imaginations about his work and our professional experience and of life. When developing it were established approaches of the central axes of Rubem Alves' work associating them to the imaginable world image of families and professionals that take care of them, conducting to the reflection on our practice of taking care of families.

**KEYWORDS:** family; image; philosophy in health.

**RESUMEN.** El presente estudio, busca reflexionar sobre imágenes y familia inspiradas en las obras y pensamientos de Rubem Alves. Se desarrolla a partir de reflexiones y discusiones que transitan entre las ideas del filósofo, mis imágenes y mis imaginaciones sobre su obra y mi experiencia profesional y de vida. Al desenvolverlo, fueron determinadas aproximaciones dos ejes centrales de la obra de Rubem Alves que, asociados al mundo imaginario de familias e profesionales que cuidan, nos lleva a reflexionar nuestra práctica de cuidar de familias.

**PALABRAS-CLAVE:** familia; imágenes; filosofía en la salud.

---

Recebido em: 13/12/2004

Aceito em: 05/02/2005

Maria Angélica P. Waidman

Rua São João, 628 - apto. 302 - Zona 7

87030-200 - Maringá - PR

E-mail: mapwaidman@uem.br

As imagens estão presentes em tudo em nossa vida, elas nos ligam a realidade, porque imagens fazem parte do passado, do presente e do futuro.

Na história as imagens sempre fizeram parte do viver, foram elas que inspiraram Arriès a escrever sobre a família, utilizando a análise de imagens da época – calendários e quadros. Verificou que as imagens de família retratavam a vida, levando-o a perceber como era o pensamento e a vivência em família desde a Idade Média<sup>1</sup>. Vale ressaltar que naquele período histórico não havia escritos sobre família, o que inspirou o autor a descrevê-la pela análise das imagens e das obras de arte da época.

Quando falo em imagens, estou dando conotação bastante individual, pois cada um interpreta uma imagem e a percebe de maneira muito particular. A imagem é definida como representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoas ou objetos, como estampa que representa uma figura ou assunto religioso, como representação mental de um objeto, impressão, lembrança, recordação ou metáfora<sup>2</sup>.

Recuperar a beleza como um propósito na área da saúde é criar uma resposta estética para as coisas do mundo. O que se quer, na verdade, é uma estética que resgate uma relação sensual com as imagens. Uma profissão animada pela beleza é necessariamente aquela que resgata a importância da percepção para a alma<sup>3</sup>.

É mais ou menos assim, resgatando a percepção e envolvendo a alma que me sinto, quando leio Rubem Alves. Além de ele usar e valorizar muito as imagens, percebo que também usa da imaginação e essas duas permeiam todas as suas obras. Por isso veio-me a idéia de escrever este ensaio teórico.

A forma de Alves descrever e usar as imagens e imaginação, cooptando questões simples do dia-a-dia do brasileiro, me fez relacionar este tema à família. Assim, gostaria de compartilhar esses meus pensamentos, fazendo uma associação de imagens e família inspiradas nas idéias deste autor.

Rubem Alves, filósofo brasileiro cuja filosofia está resumida em duas frases “Tempus fugit – o tempo foge, passa rapidamente, tudo é espuma – e

Carpe Diem – portanto colha o dia como um fruto saboroso<sup>4</sup>. As obras deste autor “encantam” pelo fato de ele entender e escrever o viver cotidiano de forma descomplicada; é assim que eu acredito que os profissionais precisam ver a família. Apesar de ser uma estrutura complexa que sustenta a sociedade ela é parte de nosso viver, mas somente nas últimas décadas foi que começou a ser discutida e pensada por vários profissionais da área da saúde, já que outras áreas já a estudavam há muitos anos como é o caso da antropologia e da sociologia.

Em “Sobre o tempo e a Eternidade” Rubem Alves afirma: “o essencial é invisível aos olhos. O que se vê nada é comparado ao que se imagina”<sup>5:17</sup>. Percebo assim que ao trabalhar com as imagens o autor também trabalha com a imaginação. Apesar de jamais usar o termo *imaginal* descrito por Maffesoli, filósofo contemporâneo, que é chamado de pós-moderno, parece-me que os dois pensam da mesma forma sobre esse tema.

Maffesoli descreve o mundo *imaginal* como um conjunto feito de imagens, símbolos do imaginário e de imaginações, em que a vida social é moldada<sup>6</sup>. Isto quer dizer que estamos mergulhados num mundo *imaginal*, onde o cenário é a vida, a vida solitária, individual, coletiva e familiar. A família é uma das partes dessa vida comum em que todos estão inseridos; as imagens e imaginações a respeito dela são individuais. Convém neste momento lembrar o que alguns autores falam sobre a família. O GAPEFAM, Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na Área da Família, entende família como

Uma unidade dinâmica constituída por pessoas que se percebem como família, que convivem por determinado espaço de tempo, com uma estrutura e organização para atingir objetivos comuns e atingir uma história de vida, os membros da família estão unidos por laços consangüíneos, adoção interesse e/ou afetividade<sup>7</sup>.

A família atua no ambiente em que vive, transforma-o e é transformada, enfrenta crises,

conflitos e contradições, construindo uma história, desenvolvendo-se, provendo meios para o crescimento e desenvolvimento dos membros familiares. A família saudável é aberta e seus membros interagem; ela possui estrutura e organização flexíveis e por isso está em constante ação com o ambiente em que vive <sup>7</sup>.

A família é uma unidade singular interposta entre a cultura individual e coletiva, filtrando as influências culturais mais amplas em função de suas próprias regras culturais e sociais, seus valores e crenças. Trata-se de um grupo de várias personalidades interagindo entre si <sup>8</sup>.

A família constitui-se num sistema social dentro do qual evoluem as fases de crescimento e desenvolvimento do ser humano <sup>9</sup>. Ela é a mediadora entre o indivíduo e a sociedade. É na família que aprendemos a perceber o mundo e nos situarmos nele <sup>10</sup>.

Estes autores, ao falarem de família, deixam claro que a imagem e imaginação de família são de cunho muito pessoal, como já havia mencionado anteriormente. É possível dizer que são as imagens de lembranças da infância e do convívio familiar que leva o ser humano à interpretação de outras imagens, sejam elas reais, estampadas em figuras ou em obras de arte. A interpretação de imagens é muito singular e, muitas vezes, elas transmitem impressões muito além do que o autor da obra de arte objetivou. Observar, interpretar e imaginar imagens faz parte do cotidiano; isto acontece independentemente de os atores envolvidos terem consciência desse ato.

As imagens são os dados básicos da vida psíquica, são modos privilegiados de acesso ao conhecimento da alma. Nada é mais primário na psique do que as imagens. Imagens são a psique na sua visibilidade imaginativa, "todo processo psíquico é uma imagem e um imaginar" <sup>3:sp</sup>.

Cada sociedade elabora uma imagem do mundo em que vive e essa imagem está relacionada ao significado da vida para aquela coletividade. Esta imagem utiliza as "nervuras racionais do dado", mas as subordina a significações que não dependem

do racional, mas do imaginário único em cada ser humano <sup>10</sup>.

Alves ressalta que seu pensamento é devorador de imagens, que seu pensamento brinca com as imagens e "se esse hábito não é próprio de um filósofo...As vezes penso que não sou filósofo... pois filósofos pensam com conceitos; eu não, eu penso a partir de imagens. Imagens são pássaros em vôo. Imagens são brinquedos dos sentidos. Eu digo só se pensa por imagens" <sup>11:81-2</sup>.

As imagens dão asas à imaginação. A imaginação talvez seja a maior manifestação da liberdade do ser humano, pois nada pode limitá-la. A imagem e o imaginário são cumplicidade e retroalimentação, elas retratam o vivido e o vivido nada mais é que nossos desejos, nosso sofrer, nosso morrer, nosso transcender e nossas ditas loucuras do dia a dia <sup>12</sup>. Então fica fácil imaginar estas imagens que compõem a vida... Cada ser humano tem sua própria imagem e imaginação sobre o trabalho, saúde e doença, relações interpessoais, família e, em suma, sobre o viver.

Nietzsche retratou o mundo *imaginal* de ser família saudável, descrevendo que ele é particular de cada pessoa, pois nele estão contidas crenças, valores, símbolos e imaginação e estes influenciam na nossa forma de ver, perceber e sentir as imagens <sup>13</sup>.

Rubem Alves escreve com muita facilidade este mundo *imaginal*. Em suas obras, ele fala das imagens e quanto elas significam em nossas vidas e transita neste mundo com muita tranquilidade, expressando suas idéias e pensamentos sobre uma realidade brasileira, que retrata a família. Não a cita, mas escreve sobre suas personagens, ou seja, o pai, a mãe, os avós e os filhos. Aborda desde o cotidiano dos pais com crianças e adolescentes até a convivência com a proximidade da morte na velhice.

No seu livro "E aí? Cartas aos adolescentes e seus pais", ele escreve sobre o poder das imagens, quando diz:

*Querida mãe: se eu tivesse poder para homenageá-la na televisão, eu faria coisa muito simples: apenas uma imagem silenciosa,*

*talvez a Pietà de Michelangelo, ou a mãe amamentando o filho de Picasso, ou a tela de Vermeer, Mulher lendo uma carta. Só a imagem com a palavra "maternidade". Você se sentiria mais bonita, descobrindo-se bela na fantasia dos artistas* <sup>14:9</sup>.

No trecho acima é possível perceber a força da imagem para descrever ou expressar algo. Além disso, fala da relação entre mãe e filho.

Ele usa toda a sua imaginação para falar do quadro de Vermeer: Mulher lendo uma carta; quando o discute, detalhadamente, ele descreve a mulher grávida lendo a carta com um sorriso singelo na face, mas e aquele grande mapa na parede? É a imaginação que o fez pensar que aquele mapa era um presente de amor. Muitas vezes é a minha e sua imaginação que nos fará pensar e trabalhar com famílias baseada em idéias de famílias. A minha pode ser diferente da sua, que é diferente da do outro e assim sucessivamente. E é isso que me levou a pensar em imagem, imaginação e família e refleti-las.

...As telas são como os sonhos...o mapa ao fundo não está ali por acidente...o que diz o mapa?... aquele mapa não era só um mapa. Isso não está dito na tela. Há muitas coisas que os pintores não conseguem imaginar. Coisas que eles só podem sugerir na esperança que o observador veja o que não está pintado. Imaginei que aquele mapa seria um presente de amor... de um amor que se preparava para a partida...que ele era um marinheiro que ele estava longe de casa e... em algum lugar indefinido daquele grande mapa... os mapas... são os desenhos que fazemos sobre o espaço vazio para tornar a separação menos dolorosa... <sup>5:123-4</sup>

O mundo *imaginal* molda o viver e este implica papéis a serem desempenhados pelos seus atores, ficando bastante evidente quando ele retrata a beleza e a magia inexplicável do viver.

Cada ser humano possui dentro de si imagens que construiu durante o seu viver, as alegrias, as tristezas, as derrotas e as vitórias. Dependendo das imagens, qualquer um ou vários desses sentimentos

vêm à tona e é isso que faz da vida única e essencial, de forma que nos tornemos sensíveis. Em 'Navegando "expressa:" Essa capacidade de sentir a alegria é a essência da vida... da vida humana. Quero viver enquanto estiver acesa em mim a capacidade de me comover diante da beleza... Meu pai dizia que quando chovia as plantas sentiam alegria.'<sup>15:25-6</sup>

Os atores deste viver devem pertencer a uma família e isto é lembrado por Rubem Alves em várias de suas obras, quando descreve pais, filhos e relação homem mulher. Geralmente nós imaginamos a respeito do que a imagem nos revela e nem sempre o que imaginamos é real. Neste processo construímos os papéis de cada membro da família, baseados em crenças, mitos, cultura e experiência de vida, ou seja, o conceito de família é individual. O termo conceito descrito por Trentine e Paim também é construído por imagens, e referem-no como "representações mentais e gerais de determinadas realidades: mental porque não são a realidade em si mesma, mas uma imagem mental delas; são representações gerais porque contêm características de determinada classe da realidade" <sup>16:56</sup>. Acredito que essas imagens são diferentes, de acordo com o olhar, seja dos constituintes da família, seja do profissional que vai assisti-la.

Nietzsche destaca que as famílias por ela pesquisadas apresentaram duas questões importantes para os profissionais que trabalham com famílias refletirem; uma delas é a revelação sobre o que é família e a outra é a respeito de quem é a família. Essas respostas vieram por meio de imagens que cada um revelou sobre o seu viver, em família.

Família é uma unidade, um mundo construído, próprio daqueles que a constituem, mundo este que integra partes... e não se restringe, pois se relaciona a tudo onde está inserido. Esse tudo, ao mesmo tempo, também se apresenta como parte do próprio mundo que é a família. Como ela é complicada, ela é ao mesmo tempo descomplicada. A família tem momentos de divergências, conflitos, podendo ter problemas. A família tanto educa como se educa, desenvolvendo através desta educação padrões

dentro dos quais seus membros vivem... Os membros da família respondem por ela... é importante que os membros da família se conheçam entre si e a si próprios. A família é algo para que se vive e onde se vive, pressupõe a existência de respeito. A família tem elos que não se limitam aos de sangue <sup>13:98</sup>

Esta descrição foi a compilação das imagens relatadas pelas famílias entrevistadas pela autora. Ainda sobre quem é considerada família ela apresenta o seguinte:

família é quem é amigo... é quem se conhece... é com quem a gente se dá bem... família é quem o entende e lhe retribui... família é quem se estima... família é quem cria... é quem cuida... cachorro também faz parte da família... família é de quem se aprende... são elos são laços. <sup>13:100-8</sup>

Apesar de a morte fazer parte da vida, ela é muito pouco discutida e aceita no meio familiar; por isso a perda de um dos familiares por morte leva a uma mudança no comportamento, fazendo com que eles alterem seu modo de enfrentar a realidade e adaptar-se a ela. A forma como Alves fala sobre a morte faz com que o ser humano repense o mundo *imaginal* construído ao redor dela; acredito que, ao se fazer isso, os componentes da família possam elaborar e vivenciar com menos sofrimento essa realidade no meio familiar.

Eu não tenho medo de morrer. Pode ser doloroso. O que eu espero: não quero sentir dor. As pessoas não conseguem falar sobre a morte... geralmente quando alguém está morrendo os outros então se calam, mergulham no silêncio e na solidão; só resta a quem está morrendo caminhar sozinho até o fim <sup>15:28</sup>.

O acontecimento da morte é enfrentado com muita dor e sofrimento pela família. Geralmente as imagens e recordações se fazem a partir da união de toda a família; mas isso nem sempre é real. Por isso observa-se a importância desse mundo *imaginal* no viver em família. Vários autores já discutiram esta forma idealizada/imaginada de família. Todos sabem

que as famílias não são perfeitas; mas mesmo assim, a idealizamos perfeitas, e no cotidiano de imperfeita ou idealizada ela faz com que muitos seres humanos a descrevam como um porto seguro, apesar de muitas vezes ela não ser.

A imagem que as pessoas fazem de sua família, apesar de envolver os mesmos componentes, pode mostrar-se diferente, pois a imaginação é muito importante para interpretar as imagens que se têm, pois ela está carregada de crenças, valores e lembranças que são característicos de cada ser humano.

Rubem Alves faz metáforas com imagens, descrevendo o comportamento de crianças; relata que, assim como o caçador deve compreender a caça, as mães, os pais e os adultos precisam compreender as crianças. Refere que é fácil compreender as crianças, porque “sua cabeça é dominada pela fantasia... na cabeça da criança tudo é possível” <sup>5:30</sup>.

Ainda falando das imagens que as pessoas constroem a respeito dos papéis dos membros da família – pai e mãe responsáveis pela felicidade de seus filhos, postura austera e íntegra, pais rígidos com normas e limites, filhos obedientes e estudiosos, enfim todos cumprindo as regras sociais normais – Rubem Alves usa uma descrição que nos faz refletir.

As crianças pensam que os adultos são onipotentes. Quando estou num elevador lotado e vejo alguma criança pequena no chão, espremida no meio dos adultos, fico a imaginar o que é que ela vê ao olhar para cima: enormes torres. Acho que foi de situações semelhantes que surgiram as histórias dos gigantes que comiam criancinhas...infelizmente seu pai e sua mãe são detentores do poder, obrigando-os a fazer o que não querem... <sup>5:30</sup>.

Na verdade em nossa sociedade cada indivíduo tem seu papel definido por regras sociais e, muitas vezes, a desempenha sem jamais parar para refletir sobre o que estas mesmas regras significam e quais imagens elas revelam. Será que elas estão baseadas na experiência de ter sido criança? Na família essas

situações acontecem em todos os momentos em que o pai e a mãe apresentam/desenvolvem muitas atitudes baseadas nas imagens e imaginação da sua experiência, do seu passado e, muitas vezes, a fazem tão automaticamente que não se lembram que os filhos também têm um mundo *imaginal* a respeito de seus pais. Talvez em seu sonhos/imaginação o pai e a mãe são totalmente diferentes, baseados na realidade de sua fantasia e não no seu cotidiano. Isto pode ser visível em crianças vítimas de violência dos pais.

Ainda nas obras de Rubem Alves é possível observar sua grande preocupação com a educação, papel não só da família como também da escola. Em “Entre a Ciência e a sapiência : o dilema da educação”, “Conversas com quem gosta de ensinar” e “Histórias de quem gosta de ensinar”, ele discorre sobre os rumos da educação brasileira. Na última, ele descreve assim:

E aqui está minha filha, o meu bem-dizer... o meu melhor desejo: que você seja, com todas as crianças, da alegria sempre uma aprendiz... que a escola seja este espaço onde se servem às nossas crianças os aperitivos do futuro, em direção ao qual nossos corpos se inclinam e os nossos sonhos voam... <sup>17:158</sup>

Nestas palavras ele parece dizer que o aprendizado tem que ver com sonhos e sonhos com imaginação e esta última tem tudo que ver com imagens. Quando aprendemos, formulamos conceitos acerca de nosso aprendizado; os conceitos, como já dito anteriormente, são expressos por imagens mentais.

Para Alves a imagem é muito importante, bem mais que as palavras e os ensinamentos. Em várias de suas obras refere isso. Em “Sobre o Tempo e a Eternidade”, ele fala das imagens da televisão sobre o dia das mães; subestimam-na como meras usuárias de eletrodomésticos, em que nada há de homenagem, apenas a transformou em objeto de consumo <sup>5</sup>. Em “Entre a Ciência e a Sapiência” ele fala das imagens que os comerciais de cigarro mostram na televisão,

referindo que a imagem seduz e expressa muito mais que a advertência que logo em seguida aparece – o cigarro prejudica a saúde <sup>12</sup>.

Em “Estórias de quem Gosta de Ensinar” descreve uma cena que, ao meu ver, é importante para os profissionais de saúde pensarem.

O pai orgulhoso e sólido olha para o filho saudável e imagina o futuro. – o que você vai ser quando crescer?... engenheiro, diplomata, advogado, cientista... Imagino outro pai, que não pode fazer perguntas sobre o futuro. Pai para quem o filho não é uma entidade que vai ser quando crescer, mas simplesmente é por enquanto. É que ele está muito doente, provavelmente não irá crescer. Que é que seu pai diz? Penso que o pai esquecido de todos os futuros possíveis e gloriosos e dolorosamente diante do sofrimento físico e corporal da criança se aproxima dela com toda ternura e lhe diz: se tudo correr bem, iremos no jardim zoológico no próximo Domingo... <sup>17:46</sup>

O próprio autor discute, dizendo que estas histórias demonstram duas formas de pensar na criança e também o que fazemos com as crianças. A cena descrita acima nos remete à imagem de família vivenciada por cada um de nós, em que a experiência já foi vivida. Então pergunto: quem nunca foi indagado pelo pai ou mãe a respeito do que vai ser quando crescer? Qual pai não acredita que o seu papel é tornar o seu filho um ótimo profissional, sendo que seus estudos foram pagos pelo suor de seu trabalho? Nesse mundo, atual, competitivo e violento, qual será a maior preocupação de um pai? Brincar com um filho ou preparar-lhe o futuro? Talvez seja por isso que muitas vezes os limites das crianças não são respeitados, ou, então, esse modo de viver seja a razão de as crianças estarem estressadas, atarefadas – inglês, natação, dança, artes marciais, músicas etc. – e muitas delas com doenças de adultos, úlceras, depressão entre outras.

Qual é a nossa imagem de criança na família? Que imaginamos sobre criança e família?

Acredito que seja importante os profissionais de saúde estarem atentos a essa questão. Nietzsche

nos alerta a respeito do cuidado despendido às famílias. Precisamos compartilhar saber com as famílias, perceber seus pensamentos, sentimentos e emoções, ou seja, descobrir o mundo *imaginal* destes seres humanos que compõem as famílias, valorizando seus potenciais <sup>13</sup>. Isto significa que é preciso o profissional despojar-se de seu poder e saber científico e mergulhar na vida desta família, sem jamais esquecer que elas próprias constroem suas vidas a partir de imagens, imaginação, crenças, valores e esses fazem parte de seu viver e vivido.

Esse passeio percorrendo sobre as imagens e imaginação das famílias é muito importante para os profissionais refletirem a respeito das implicações que as imagens têm sobre a vida das pessoas. É preciso, ainda, que o profissional que trabalha com famílias tenha isso bastante claro, para que o seu mundo *imaginal* não interfira na forma de cuidar das famílias.

Ao retomar a imagem como foco de investigação percebe-se que os seres humanos são veiculadores e construtores de imagens <sup>19</sup>. Isto me faz pensar na responsabilidade de cada ato, de cada palavra, das pequenas e grandes ações, lembrando que cada gesto compromete a relação e o cuidado com o outro.

Penso que seja importante refletir a respeito da frase de Alves: "O sentido de uma imagem dentro do espelho é a coisa real do lado de fora" <sup>18:110</sup>. Transposto isso ao cuidado da família, quer dizer que conhecer o mundo *imaginal* delas é importante para que o profissional possa enxergar a realidade da família que, muitas vezes, é muito distante e diferente daquela que está presente no mundo *imaginal* do profissional.

## REFERÊNCIAS

- 1 Arriès, F História social da criança e da família.3. ed. Rio de Janeiro: LTC; 1981.
- 2 Ferreira ABH. Dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1993.
- 3 Quintaes MV. Por uma psicologia com alma e beleza. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigos/marcusquintaes>> (12 abr 2001)
- 4 Alves RA. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Ars Poética; 1995.
- 5 Alves RA. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus; 1997.
- 6 Maffesoli M. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e ofícios; 1995.
- 7 Penna CMM. Família saudável: uma análise conceitual. Texto e contexto – 1993; 1(2):89-99.
- 8 Rocha VLF. Atendimento de enfermagem em saúde mental, com enfoque preventivo, junto a famílias em crise [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1983.
- 9 Berenstein I. Família e doença mental, São Paulo: Escuta, 1983; 1(2):89-99.
- 10 Reis JRT. Família e a reprodução da ideologia: um estudo através do psicodrama. [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 1983.
- 11 Castoriadis C. A Instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1982.
- 12 Alves RA. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação, São Paulo: Loyola; 1999.
- 13 Nietzsche RG. Mundo imaginal de ser família saudável: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Florianópolis: Ed Universitária – UFPel – UFSC; 1999.
- 14 Alves RA. E aí? Cartas aos adolescentes e seus pais. 3. ed. Campinas: Papirus; 2000a.
- 15 Alves RA. Navegando. Campinas: Papirus; 2000b.
- 16 Trentini M, Paim L. Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: UFSC; 1999.
- 17 Alves RA. Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares. São Paulo: Ars Poética; 1995
- 18 Alves RA. Lições de feitiçaria. São Paulo: Ars Poética; 1998. v. 1.
- 19 Wayhs RE, Souza AIJ. Estar no hospital: a expressão de crianças com diagnóstico de câncer. Cogitare Enferm 2002; 7(2):35-43.